

DIAS DE ABANDONO

por Thais Kuperman Lancman

Escritora e doutoranda em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie



A HABILIDADE ERA DE QUEM TINHA AQUILO como hábito. Controlava o cachorro em seu terceiro passeio diário, fotografava um Corolla encardido sem deixar cair o caderno prensado na axila ou a lapiseira enfiada na boca feito um cigarro. Deixando a câmera pender no pescoço, resolvia em menos de um minuto as anotações. Quando o cão fazia as necessidades, recolhia em sacolas plásticas o cocô e limpava com multiuso em *spray* o xixi.

A habilidade era de quem tinha aquilo como hábito. Encolhida do outro lado da rua, de óculos de sol não importa a hora. Esperando-a chegar até o Corolla e conferindo se cumpria a sua rotina como se tivesse um *checklist*, com o celular a postos caso algo extraordinário ocorresse. Não foi dessa vez. O próximo

passo seria avançar até um escondido com boa visão para o próximo carro abandonado, e depois outro, até ela e o cachorro começarem o caminho de volta, e, pela sombra, eu também.

Em casa, observava pela janela um Ford Ka branco, estacionado ao lado de uma banca de jornal (muito mais um ponto de jogo do bicho) havia três semanas e um dia. Vi os rapazes estacionando-o ali, cobrindo o vidro quebrado com um saco de lixo e abandonando o local. Relutei em aceitar que o deixariam ali, provavelmente um veículo de fuga de outro crime cometido. Porque, ao reconhecer aquele feito, uma vez que tinha visto os dois homens em ação, seria inevitável, com o olhar direcionado para o Ka sempre que me aproximasse da janela

da sala. E, quando passasse por ali sem prestar atenção, voltaria assim que me desse conta, a pé ou de carro.

Com o Ford Ka branco em vista, outro fato repetido viria à consciência para se tornar um assunto, um pensamento. Todos os dias em que voltava para casa de Uber, ao virar na minha rua, era assim que anunciava a parada ao motorista:

– Pode parar atrás desse Uno.

Existia um Uno tão perene quanto os portões, a loja de bicicletas, o vigia com seu apito. Tentar estabelecer o ponto de chegada daquele automóvel na minha rua era inútil, mas, quando percebi, já estava lá, evitando que o Uber parasse longe demais na noite escura. E então, ao juntar o Uno ao Ka, estava também amarrada àquela mulher, que, meses antes, tinha narrado sua obsessão pelos carros abandonados de seu bairro. As histórias não se formam com a ocorrência das coincidências, mas quando nos damos conta delas e a partir daí servimos a elas. A história então anda para frente.

Marta registrava carros abandonados na Vila Nova Conceição para um projeto artístico desprezível. As anotações e fotografias eram passadas a um caderno de capa em tecido; ela utilizava uma caneta tinteiro elegante. O uso de *passe-partout* preto era minimalista e funcional para as imagens penduradas na parede. Apresentou a mim e a mais alguns seu trabalho em um evento discreto, num dia muito quente em que prestei mais atenção ao suor correndo pelas minhas costas e atrás dos joelhos do que em Marta, seus carros, sua caligrafia estudada. Compilei em curtas notas mentais seu rosto, seu nome, informações-chave de sua obra e me voltei para as cervejas

gelando no tanque; depois, para outros tantos trabalhos dedicados à exaustão do trânsito pelos espaços urbanos. Uma outra moça monitorou e registrou a decomposição de uma pomba atropelada em seu bairro.

Voltaria a pensar em Marta em frente ao Uno. Sabendo de sua obsessão, movida pelos acontecimentos recentes, quis que ela visse meus carros, que eles estivessem nas anotações de Marta. Pensei em entrar em contato, mas me perguntava se não iria contra os princípios da obra. Me perguntava também se não poderia fazer as minhas próprias anotações, inspiradas nas dela, mas a fronteira entre a inspiração e o plágio é sempre tão difusa. Além do mais, meu papel ali não era o de documentação, eu apenas tinha encontrado acidentalmente aqueles automóveis, ou melhor, encontrado o abandono deles, e agora deveria encaminhar a ocorrência para a autoridade responsável. Achava que assim, em última instância, me livraria da obrigação de observar os carros parados. Sim, depois que você nota algo do tipo, eles passam a ser de sua jurisdição, e são os fluxos misteriosos da cidade que te dispensam, quando ela quiser.

Parecia que o procedimento – caçar automóveis abandonados enquanto passeava com o cachorro – era tão importante para Marta quanto os carros e as notas. Tudo era estético, e quem sabe a minha própria interpelação não seria um pouco assassinato do projeto. Mas se a condução da caminhada de Marta rumo à minha rua ocorresse acidentalmente para ela, ou seja, influenciada por mim, mas sem que ela se desse conta, ambas estaríamos satisfeitas. Ela teria todo um

trajeto novo, um bairro diferente a ser explorado em sua investigação cotidiana, e eu teria meus carros incluídos naquela obra; o Ka e o Uno passariam do abandono à conexão por fios invisíveis do tempo urbano.

Foi aí que incluí nas minhas observações, que já eram tomadas pelos carros abandonados, Marta olhando os seus. No começo eu estava mais preocupada em não ser vista do que em estudá-la, mas vi que era fácil passar incólume, pois os veículos, o acúmulo de sujeira neles e as pequenas transformações do dia a dia tomavam totalmente a atenção da mulher. Qualquer pneu mais baixo, a ausência da placa de um dia para o outro, inscrições que passantes deixavam nos vidros imundos; porém, nada disso passava despercebido. A cara de espanto que ela fazia ao descobrir esses tesouros do abandono era fascinante, não me cansava de assistir.

Com dez dias de observações diárias e pontuais, percebi alguns deslocamentos. As rotas de Marta aumentaram um pouco, de forma a incluir mais dois carros nos relatórios. Ela também teve uma baixa, um Monza vinho que, de um dia para outro, se transformou em um cavalete da CET anunciando que fora guinchado. Ela não fotografou aquela cena, mas parou um pouco diante da peça de madeira, baixou o olhar, como que num ligeiro luto. Uma enfermeira de UTI não seria mais emotiva que aquilo. O trajeto de Marta em breve cruzaria uma avenida, quem sabe, mas me preocupava o quanto se afastava da minha rua. Rumava na direção oposta, e isso me chateava.

Não adiantava o pensamento positivo, e o Monza apagado da rota de Marta

me deixou aflita quanto aos meus dois carros, somados a um Hyundai recém-nascido de madrugada que de repente tinha se tornado item a ser registrado com urgência. Só conseguia pensar que ela precisava vir logo, para que meus carros, já estava apegada a ponto de chamá-los meus, fossem inscritos naquele caderno.

Da mesma forma que até aqui só tinha pensado em uma questão, agora só conseguia pensar em uma saída para o problema. Devia corrigir a rota de Marta para que ela encontrasse aqueles tesouros, e bem poderia fazer isso de uma forma que também acabaria facilitando o meu trabalho de observá-la. Nas noites seguintes, saí de bicicleta em busca de outros carros largados pela cidade, os mais deploráveis e em ruas desertas. Dei sorte na primeira saída, achando um veículo, quase uma carcaça, no fim da avenida próxima à casa de Marta. Com a bicicleta no que um dia foi um portamalas, desci a rua até achar um local propício para o novo abandono, empurrando o corpo do carro. É incrível o que o medo faz com as pessoas, só ele explica ninguém ter parado para me interrogar ou ajudar. Fui aos poucos, acompanhada pela noite, me sentindo mais dona da cidade do que os dias permitem. O carro era minha armadura, ainda que tivesse um cheiro horrível, de podre e azedo, e pensei na possibilidade de alguém ter morado dentro do automóvel um dia, ou ainda morasse e eu movia uma casa pela via; a reintegração de posse da cidade, injusta como sempre, implacável. Uma toca móvel, com diferentes donos até se desfazer.

Quase não contive a ansiedade esperando para onde Marta rumaria em

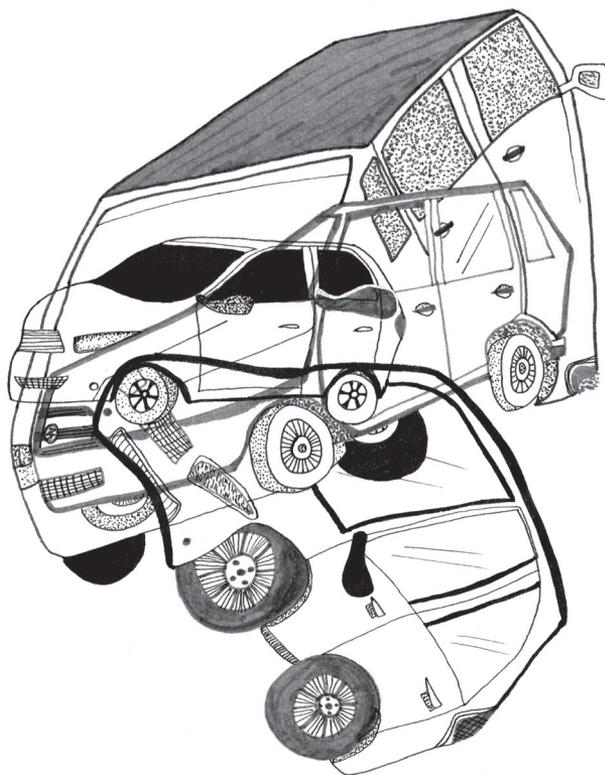
seu passeio com o cão no dia seguinte. O novo carro em seu caminho foi surpreendente; o encontro repentino e o estado de degradação daquele amontoado de ferragens que lembravam um automóvel eram dados dissonantes, e percebi em seu olhar que aquilo era incomum para Marta; cheguei a ficar com consciência pesada pela minha estratégia de manipulação, mas então, conforme ela foi anotando e fotografando a lataria corroída, sua expressão mudou para algo luminoso, e fui enxergando o carro muito mais como um casulo vazio; me rendi a um calor no coração. Ficou até afoita, dividida entre segurar firme a coleira do cachorro latindo e fotografar o carro. Comemorei em silêncio, sem deixar de sentir uma aflição pelo dia que viria e minha nova obrigação: traçar mais um pouco da rota de Marta como as migalhas de pão de João e Maria. Migalhas fedidas, pesadas, mas ainda assim pedaço do que poderia nutrir alguém, abastecer sua vida e lhe dar identidade, e que agora eram mais parte do chão sujo que se pisa e atravessa.

Em alguns dias, Marta não aumentava a distância percorrida, mas o que nunca falhava é que, progressivamente, o tempo gasto nessas andanças se expandia. Gastava mais minutos em cada automóvel, com as anotações e fotografias, seu passo ficava mais lento; artifícios como os de qualquer outra pessoa que deseja matar tempo, mas ali não era apenas isso. Ela tinha um compromisso com os carros e com sua caderneta. Ou, quem sabe, lembrando-se da exposição que fez de seu projeto, tinha algo a provar naquele grupo de artistas e interessados em arte, talvez fosse

movida a ego, ou um senso exacerbado de autoimportância era o que me fazia observar e até manipular aquela mulher, para achar que, no fundo, poderia me apossar daquela ideia e, então, de qualquer uma que me interessasse.

Ou não era nada disso, e eu só queria, como ela, que as horas e os dias passassem de forma homogênea, com excêntridades sem que eles fossem sobressaltos, que houvesse um véu de estranheza cobrindo tudo, a mim e a ela, em lados opostos da minha rua, compondo essa renda de observações e notas. Chegou a época em que ela estava ali, todos os dias, no meu Uno, e eu do outro lado, pensando no que eram para ela aqueles veículos. Marta disse que passou anos indo para o trabalho e voltando no fim do dia, dirigindo, e agora, aposentada, não tinha mais isso. Naquela época, não foram as atividades diárias que a definiram como pessoa, e sim a forma de se locomover. Somos nossa maneira de transitar pela cidade. Ao se tornar pedestre em tempo integral, passeadora de sua cachorra, ela se tornou outra. Ela era livre do carro, mas, agora, o que eram os carros que ela teve ao longo de sua vida profissional. Eles a observavam, se não puderam se libertar e, deixados ao relento, apodreciam. Desvendava a alma dos carros largados pela rua, em oposição à de Marta, que ainda não conseguia entender se estava também abandonada, no curso do tempo da cidade constantemente expurgando quem envelhece, ou descobrindo a própria existência, feito o gênio libertado da lâmpada.

Com o encontro feito entre Marta e o Uno, não sosseguei. Tanta espionagem me deixou ainda mais intrigada



em relação àquele cotidiano de andar, documentar, com o cachorrinho na coleira e o tempo se esticando nas caminhadas. Só chegaria ao cerne de Marta sendo um carro, mas, sem poder fazer milagres, me instalei dentro do Uno, imaginando que, se a observasse dali, compreenderia melhor os traços mais escondidos de sua personalidade caminhante. O vidro encardido me protegeria. De madrugada, fui até o carro munida de um pedaço de arame, e, após uma longa batalha e alguns tutoriais em vídeo, consegui entrar e me instalar no chão, ao lado do banco traseiro. Fiquei ali me movendo o mínimo possível, fazendo um apoio para as costas com o meu moletom. Aguardei o dia inteiro

com calma, sabendo que ela enrolava cada dia mais para chegar até a minha rua, para enfim passar mais tempo ali. Até que ouvi passos; já estava escurecendo de novo, e só podia ser ela.

Imóvel, coberta em um saco de lixo que levei para a camuflagem, observei-a por um buraco no plástico. Seus olhos atentos, as anotações acompanhadas de um latido contínuo que indicava tédio diante da insistência de Marta. Então, fui surpreendida por uma lanterna, equipamento que jamais tinha visto ela usar, vasculhando o carro até que ela tivesse certeza de que havia uma pessoa lá dentro. Deu meia-volta querendo garantir a minha privacidade, mas retornou, bateu no vidro. Pensei em não me mexer,

mas senti que, desde as primeiras coincidências, entre ter conhecido seu projeto e notar aquele carro parado onde eu moro, tudo culminava naquele encontro, nem espontâneo em sua essência, nem inteiramente armado. Talvez ela também precisasse de um grande final para se libertar mais uma vez. Nunca entendi como ela pôde ser tão assertiva, afinal era tanta tranquilidade, o cachorro sequer latiu. Não havia medo nem paixão, era apenas um encontro como qualquer outro, de voz miúda, afeto distanciado, mas recíproco.

Por isso levantei e saí do carro, primeiro imersa na casualidade que ela me transmitia, mas não consegui nem falar duas frases de mais mentiras, confessei que estava impressionada com o seu afínco meticuloso, principalmente depois de ter sido tragada por ele, dadas as circunstâncias. Afoita, não perguntei se ela lembrava de mim daquele dia quente com cervejas no tanque; talvez lembrasse, ou não fazia diferença. E agora, podendo conversar, eu queria saber mais sobre ela, onde estava quando não era uma inventariante de carros abandonados, por que fazia aquilo e como sua cabeça funcionava. Queria traçar as semelhanças entre nós duas, que certamente existiam; quem sabe ela também tivesse passado a ter em sua casa um mero ponto do repouso entre as andanças pelas ruas, de automóvel em automóvel, e a minha intromissão não era mais que um obstáculo curioso e, a meu ver, merecedor de registro. Queria ser merecedora de registro, passar de cola invisível daquela atividade a personagem, feito um carro, um capítulo só meu.

Não conseguia entender se a expressão dela era de vergonha, por ser pega no flagra em um comportamento que talvez pudesse ser identificado como compulsivo, ou de alívio, por ter alguém para compartilhar seu gosto peculiar. Mas não era disso que se tratava, como descobri ao ser convidada a fazer o caminho de volta, com um gesto silencioso e os passos tranquilos. Marta e eu caminhamos em silêncio, fazendo ao contrário um percurso que já se tornava natural para mim, ou, pelo menos, os veículos que encontrávamos parados. A cidade foi ficando mais arborizada, o lixo desaparecia das calçadas conforme nos aproximávamos do endereço dela, lugares novos para mim. Nos seus arredores, nada digno da caderneta. Ela também foi mudando de postura, sua caminhada ficou mais firme e galopada, levando o cachorrinho a acelerar o passo. Vi Marta cumprimentar os seguranças e o porteiro, atravessando o recuo enorme que dava para os elevadores. Fomos recebidas por sua empregada doméstica, uniformizada de uma maneira que só tinha visto em novelas, o avental branco e rendado por cima do conjunto preto, meia-calça e alpargatas. Cochichou algo a Marta, que respondeu com um suspiro e um aperto em sua mão. Tinha ficado tão elegante de repente, parecia até mais ereta, imponente com sua nova postura. Pediu que um café fosse servido na varanda, e não começou a falar comigo até a bandeja ser acomodada em uma mesa de tampo de vidro na nossa frente. Não me ofereceu açúcar, provando a teoria de um amigo meu de anos atrás: gente chique não adoça o café.

Passou a se explicar, balbuciando as primeiras palavras com a xícara saindo dos lábios e fazendo sinal para a funcionária ficar a seu lado. E deu início ao monólogo em que vi sua feição se transformar diversas vezes, parecendo que a pele se alisava e colava aos ossos da face, a boca repuxava, era como se a história fossem tratamentos estéticos. Tudo partiu de um “estou viúva, meu marido morreu há algumas horas”. Segurei as mãos de Marta num gesto instintivo de condolências, mas logo me ocorreu que se ela contava aquilo assim, não estava vivendo um luto tradicional. A morte do companheiro acamado de mais que bodas de prata vinha depois de tentativas contínuas de fazê-lo partir sem sofrimento, ou melhor, sem resistência, ela mesma corrigiu. Não pude evitar, mas logo me recolhi. Ela assistiu ao movimento com uma pausa na fala, e retomou, com a história de seus dias.

Da trajetória de mulher de negócios, Marta trouxe para a vida que tempo não se desperdiçava; pelo contrário, se investia para no futuro se resgatar mais e mais dele para si. Assim, fazendo bom proveito daquele que lhe restava depois da aposentadoria, saía com o cachorro enquanto a empregada seguia as instruções de ligar um dos carros na garagem e, com o cano plástico providenciado para tal, lançava fumaça do escapamento para o quarto do casal.

Não sabia se aquilo daria certo ou qual a concentração de monóxido de carbono necessária para matar uma pessoa. Poderia pesquisar, mas a experimentação tinha lhe dado um propósito, e um prazer curioso em ter o marido como cobaia. Era uma relação antiga colocada

em termos inéditos, e logo uma rotina se estabeleceu, metódica como deveria ser, ele acamado e incapaz de se opor em decorrência do derrame que lhe cassara a fala. Onipotência, mãe da liberdade criativa.

Catalogar automóveis surgiu como uma distração enquanto o homem apodrecia e desligava, sem nunca responder, e acabou se tornando algo divertido e fascinante. As caminhadas aumentaram e, por ela, seguiriam crescendo, de tão agradável que era tudo aquilo, explorar a cidade, descobrir carros abandonados, matar o marido aos poucos e com rigor científico. Porém era inevitável que essa etapa se encerrasse. Com o marido morto e os dias ocupados que viriam em decorrência da morte, a empregada voltaria a passear com a cachorrinha, os carros das ruas próximas seriam abandonados pela segunda, terceira ou quarta vez.

Me perguntava como a vida chegava a esse ponto, um dia você é uma funcionária de alto nível em multinacional, como descobri a respeito de Marta, no outro planeja o assassinato de seu marido com uma funcionária, ao mesmo tempo que desenvolve um projeto artístico com jovens em um ateliê informal. Mas havia ali uma constante busca por sentido em meio a colapsos contínuos, e também outras tantas explicações que não diziam respeito a ela, somente a mim. Marta apenas estava se deparando com novidades o tempo inteiro, se deixando levar por elas, desde quando se encantou com algo chamado computador e decidiu que estaria para sempre rodeada por aquelas máquinas. Fez carreira, e, para isso, dirigiu para lá e para cá, diariamente, cruzando a cidade para erguer

a si mesma. Envelhecida, viu o marido se transformar em seu algoz quando ele forçou sua aposentadoria. Ela consentiu, achando que era o que tinha que ser feito, mas o convívio intenso se mostrou insustentável com os dois naquela casa o tempo inteiro, tendo que procurar com o que preencher a cabeça; mesmo com o derrame, ela não aguentava mais. O carro, companheiro fiel de tantos anos, empacou na garagem acumulando pó. Marta, então, ficou dividida entre seus dois amores, um que fazia falta e outro

que despertava ódio. Foi agindo em um ritmo particular, crescente, da mesma maneira como eu me deixei ser absorvida por aquela história, por coincidências surgindo no meu caminho, automóveis, e agora estava ali, observando Marta e sua funcionária, lado a lado, atravessando a sala através do pequeno escritório transformado em estúdio. Escureceu na cidade e ela falava sem parar, seguia seu raciocínio mesmo sem querer, aquelas palavras nos uniam, e a vista daquela varanda era um escândalo.

— ❖ —